UNIVERSIDADE ABERTA

**E-FÓLIO B**

Nome: António José Estêvão Cabrita  
Número: 1002404  
Turma: 01

Licenciatura em Ciências de Informação e Documentação

**HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA I**

Docente: Dr. Pedro Flor

Janeiro 2012

Na pintura, o estilo Maneirista em Portugal surge em meados do século XVI e prolonga-se até cerca de 1700. Resultado de um rompimento com o classicismo e marcado por diversas influências, nórdicas e italianas, estas marcadamente na segunda metade do século, são também resultado do momento socio-político e cultural, onde a imagem é utilizada quer na campanha contra-reformista quer nas manifestações individuais, através de retratos[[1]](#footnote-1), como forma de legitimação de poder e de perpetuação da sua memória terrena. Todos estes factores levam a um aumento na procura e da oferta o que promove uma certa emancipação dos artistas libertando assim a sua capacidade criativa e com isso o seu estatuto social.

A substituição do classicismo por uma nova corrente acontece pela insatisfação dos reportórios existentes[[2]](#footnote-2) e pela necessidade de inovação na estética e nas formas. É assim quebrada a “ordem, harmonia, equilíbrio, normatividade e rigor classicista”[[3]](#footnote-3). Inicia-se uma nova ordem. O homem individual deixa de ser o eixo e a medida das representações, como havia sido no Renascimento humanista. Foi em Lisboa, Évora, Coimbra e Tomar, os principais pólos criadores, onde surgiram, a partir da década de 30 do século XVI, os primeiros sinais desta tendência resultado de várias influências, mas sobretudo da flamenga, fruto possível da feitoria portuguesa ali estabelecida. As influências tidas pela movimentação de artistas, bolseiros de D. João III em Itália, da presença de estrangeiros em Portugal, nomeadamente flamengos e neerlandeses, da circulação de pinturas, gravuras, da publicação de tratados, etc. têm eco junto dos nossos artistas. Já na segunda metade do século, verifica-se uma italianização das obras “por meio de conhecimentos directos trazidos de Itália[[4]](#footnote-4)”, como é o caso de Francisco de Holanda (1517-1584). A principal clientela eram os monarcas, a nobreza clerical ou leiga, os municípios e as misericórdias[[5]](#footnote-5). Os principais temas eram o religioso, com destaque para a Anunciação e Vidas de Santos, assuntos decorativos, pintura histórica, o retrato isolado e o de votos, como os de D. João III e de D. Catarina, executados por António Moro (1517-1575), ambos com os seus Santos Patronos.

O retrato de D. Sebastião (1554-1578) obra de Cristóvão de Morais (actividade c.1551 - c.1573), datado de 1572, de rosto ainda juvenil, de armadura requintada, soberbamente detalhada nos seus pormenores, de pose altiva, inexpressiva e fria, por contraste com o seu galgo, com a mão esquerda sobre a espada, a imagem sobressai na luminosidade que sobre si incide em contrate com o fundo negro são no entanto desconcertantes as medidas, nomeadamente a cabeça pequena e o longo torso, aparentemente disfarçado pelo volume da armadura e do calção[[6]](#footnote-6).

Todas as influências externas, principalmente as da Flandres, de Itália e de Espanha tendem a suavizar-se pelas alterações na sociedade, motivadas pelo Concílio de Trento (1545-1563) e das Constituições dos bispados que, com os padres visitadores chegavam a eliminar as obras que não obedecessem à doutrina instituída pela Contra-Reforma, a pintura portuguesa adequou-se àquelas prescrições, tomando por essa via um estilo próprio, mais conservador mas também próximo dos românicos. Todavia, trata-se de um estilo que evolui de forma única em toda a Europa, tal como as restantes artes.

Principalmente por via da Igreja e dos monarcas, mas também da demais nobreza, na procura de uma efectiva evangelização por uns e manutenção de estatutos por outros, a imagem é utilizada ampla e eficazmente na procura e satisfação dos seus objectivos. No caso da Igreja que, levou a cabo uma “campanha que visava o prestígio e a utilidade da imagem sacra, expurgava os excessos sensualistas”[[7]](#footnote-7). Enquanto na nobreza, também através da imagem, se legitimava o poder, o estatuto real e simultaneamente se preservava uma memória terrena, por forma a enfrentar o Juízo Final, não sendo assim esquecidos ou, se recorria também às imagens de santos, como se de uma oferenda se tratasse para que as suas preces fossem realizadas.

Ao aumento das encomendas os artistas vão sendo cada vez mais reconhecidos e dados a certas liberdades conceptuais, mantendo-se no entanto fiéis aos desígnios dogmáticos da ordem instituída.

Assim, a pintura portuguesa ao longo do século XVI liberta-se do classicismo e envereda por uma nova concepção estética e plástica, fruto das várias influências externas, por via de artistas que lá fora se deslocam e por estrangeiros que a Portugal se deslocam ou pela obras com que vão tendo contacto, mantendo no entanto uma assinatura própria e diferenciada daqueles outros, cumprindo, em regra, obediência ao dogmatismo instituído pela Igreja e pelas alterações e exigências da sociedade ao longo do século.

**Bibliografia**

FLOR, Pedro - *A arte do retrato em Portugal nos séculos XV e XVI.* Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

MNAA - *RETRATO DE D. SEBASTIÃO* [em linha]. Lisboa: MNAA, s.d. [Consult. 9 Janeiro 2012]. Disponível em http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/

PEREIRA, Fernando António Baptista - *História da Arte Portuguesa - Época moderna.* Lisboa: UAb, 1992.

PEREIRA, Paulo - *Arte Portuguesa : História essencial.* Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

PINTO, Ana Lídia, Fernanda MEIRELES, e Manuela Cernadas CAMBOTAS - *ARTE EM PORTUGAL - A GRANDE HISTÓRIA DA ARTE.* Lisboa: Porto Editora, 2006.

RODRIGUES, Dalila - *OBRAS-PRIMAS DA ARTE PORTUGUESA : Pintura.* Lisboa: ATHENA, 2011.

SERRÂO, Vitor - *A pintura maneirista em Portugal : das brandas «maneiras» ao reforço da propaganda.* In PEREIRA, Paulo (dir.) - *HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA*, vol.II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. p. 427-509

SERRÃO, Vitor - *História da Arte em Portugal : O Renascimento e o Maneirismo.* Lisboa: Presença, 2002.

SILVA, Jorge Henrique Pais da - *ESTUDOS SOBRE O MANEIRISMO.* Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

P 418 (1988)

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Item Notas** | **Área** | **Nota** | **Percentagem** | **A suas opiniões** |
| [[Trabalho](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=1660441)E-fólio B](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=1660441) | Avaliação eletrónica | 4,00 | 100,00 % | O efólio B revela muito bons conhecimentos da matéria em estudo. Parabéns. |

NP 3715 (1989)

NP 4285-3 (2000)NP 4285-4 (2000)

1. cf. FLOR: 2010, 21 [↑](#footnote-ref-1)
2. PEREIRA, 1: 1992, 145 [↑](#footnote-ref-2)
3. SERRÂO:2002, 168 [↑](#footnote-ref-3)
4. PINTO:2006, 152 [↑](#footnote-ref-4)
5. PINTO: 2006, 152 [↑](#footnote-ref-5)
6. DALILA: 2011, 80 [↑](#footnote-ref-6)
7. SERRÂO, 2: 2002, 196 [↑](#footnote-ref-7)